

EXPERIÊNCIA SOBRE PRIMEIRO ANÚNCIO

Comunicação de P. Giuseppe Fumagalli ao Sector Pastoral de Oio-Bafatá.
Abril 1987.

Introdução.

Pensei excusado e fora do lugar tratar duma forma teórica sobre Primeiro Anúncio como conteúdo e como forma, visto estarmos às mãos com ele na nossa vida de cada dia. Até não me acho preparado para isso.

Prefiro, muito simplesmente, falar em dados da experiência, tentando, depois, um bocado de reflexão.

A este ponto limitar-me-ei a sintetizar umas linhas, umas sugestões que talvez possam ser úteis para um aprofundamento e, oxalá, de ajuda para a acção.

1. A EXPERIÊNCIA

Aconteceu muitas vezes, e ainda acontece, graças a Deus, que pessoas, individualmente ou em grupos, se apresentem à Missão para pedir "o caminho". Tenho aqui que abrir uma paréntese um bocado comprida para dar razão deste fenómeno.

O facto acima apontado faz entender que o que é chamado testemunho e pre-evangelização já é uma realidade, pelo menos para um grande número de pessoas, na nossa área, depois de 35 anos de presença.

Se quisermos dar um olhar para trás e sintetizar a presença "pré-evangelizadora" dos padres Marmugi e Andreoletti, a podemos resumir nos seguintes pontos (sumariamente, lembrando que em 1952 ainda faltavam dez anos para o Concílio Vaticano II):

- Estar com eles, com presença qualificada, quer dizer virada para eles e procurando o caminho para o anúncio.
- Procurar encontro e entendimento, estudando pelo menos a língua como condição prévia, indispensável.
- A cada ocasião dizer claramente a finalidade da presença e como e em que sentido certos aspectos da vida deveriam mudar, segundo o caminho da conversão.
- Falar com todos, sabendo que os mais receptivos são os novos, mas deixando-lhes o tempo para amadurecerem até alcançar uma certa independência ou autonomia de vida (com o casamento) e consistência social (grupo), para que a mensagem possa de verdade traduzir-se numa mudança de vida que se vai comunicando e empreendendo.
- Chegaram assim a dar o Baptismo só quando existia uma "comunidade" capaz de ser sinal evangelizador pelo menos como tentativa e apesar de muitos defeitos; mas o rumo era aquele: deveriam ser eles depois os pré-evangelizadores no meio ambiente deles.
- Quanto ao conteúdo do anúncio e da sucessiva catequese, sabe-se que, até então, ainda existia praticamente só o Catecismo de Pio X. Fizeram porém tentativas em dois sentidos:
 - preparar textos na língua local
 - procurar novos esquemas de catequese mais apoiada" em textos bíblicos.

E voltamos aos amigos que vêm pedir "o caminho".

Normalmente as pessoas que aparecem se fazem acompanhar por alguém que já pertence a este "caminho". É a consequência do que acabamos de dizer, o resultado da precedente evangelização.

O primeiro encontro é normalmente muito rápido, porque calha depois de uma das quatro missas do domingo. Então limito-me a poquíssimas coisas: de onde vem, quem é, e se tem alguma ligação com memrs da comunidade; como é que resolveu vir pedir "o caminho"; se a mulher (ou o marido) está de acordo.

Nem sempre consigo falar em tudo isso. De qualquer forma sempre faço duas recomendações:

- a oração todos os dias, como sabe fazer e como pode
- a frequência aos encontros da Comunidade.

Às vezes o tempo é curto demais e então demando toda a investigação àquele que o acompanhou ou a um Catequista, que depois procurará que haja uma ocasião de encontro com mais vagar. No caso, às duas recomendações acima apontadas, acrescento um esclarecimento sobre a necessidade de confiar na Comunidade e no acompanhador.

Há quem exija que eu escreva o nome em sua presença. Há quem queira entrar mesmo fisicamente na capela. Agora, para isso, já não se exige a minha presença: são os próprios acompanhadores que esclarecem e os introduzem.

No caso que o que vem pedir "o caminho" seja o primeiro da sua tabanca:

- às vezes nem escrevo o nome...
- o caso típico é o de Ejin e o mesmo quase o de Yal: não tomei o nome por prudência... Rezámos juntos para que Deus chamasse outros, como costuma fazer; fiz o mesmo com os que vieram sucessivamente. A seguir mandei-os comparecer no mesmo dia... e era um grupo.

Quando se chega a um grupo numa nova tabanca, então vai-se fazer o primeiro encontro oficial:

- vai o pessoal da Missão, todo ou em parte
- vão representantes de todas as comunidades (especialmente os catequistas anciãos)
- maior espaço e realce têm as comunidades mais próximas, que os acompanharão.

Normalmente eu limito-me a tirar umas conclusões "programáticas", quem fala com eles são os "adiantados". O que é que dizem normalmente neste primeiro encontro que já é "Primeiro Anúncio"? Tento apontar aqui o que sai na maioria das vezes, sem tentar pôr aquilo numa ordem lógica: normalmente a não tem, porque cada qual traz a mensagem que mais lhe é congenial e no momento em que acha que é a sua vez de falar (por ordem de ancianidade no caminho ou de idade, espontaneamente).

- Uns ajudam a "ler" a história da acção de Deus no meio do povo Felup: como o "caminho" começou a Suzana, como se espalhou noutras tabancas e sempre no meio de dificuldades...

O facto de ter começado no meio deles quer dizer que eles também irão ter dificuldades, mas não devem perder a coragem.

Trazem também exemplos de grupos que começaram e fracassaram ou recuaram, para lhes dizer os cuidados que devem ter.

- Outros realçam o facto que eles não teriam enveredado por este caminho se não fosse Deus que os chamou. Foram chamados por Deus, não por serem melhores do que outros, mas porque mais do que os outros precisam da ajuda de Deus e da Salvação: é o que aconteceu com eles próprios.

- Outros recomendam a união entre eles. Que não fiquem agarrados a divisões em moranças, em bairros, clãs e tabancas: somos uma só família, a "Nova família" e devemos cultivar o entendimento e a paz entre nós e com os outros.

- Outros ainda recomendam que suportem os insultos e as represálias da tabanca sem reagir, porque neste caminho não há mais lugar para vinganças: Jesus perdoou...

- Outros mais insistem sobre a necessidade de rezarem juntos, sem esperar que venha alguém de fora para os ajudar (padre, irmã ou catequista...)

- Há também recomendações, desde uns anos, acerca de como escutar a Palavra de Deus e da necessidade de perguntar aos das Comunidades vizinhas o que não se entendeu, quer para saber, para saber como se comportar em determinadas circunstâncias.

NB. Aliás, eu próprio, quando os que estão mesmo no começo me perguntam algo acerca dos "usos" que se devem deixar ou que podem continuar, normalmente aconselho que perguntem a membros das comunidades vizinhas, especialmnte catequistas, que sabem dar respostas acertadas e mais compreensíveis.

Por minha parte limito-me ao seguinte:

- Agradeço a Deus que os chamou e felicito-me com eles por estarem a responder;

- mando-os escolher e marcar na presença de todos o dia da oração da sua comunidade, uma vez por semana;
- lembro-lhes a responsabilidade que têm de caminhar com seus pés e de serem os primeiros de muitos que o Senhor chamará através deles.

No fim reza-se com orações espontâneas.

Quase nunca neste primeiro encontro "oficial" pergunto os motivos pelos quais vieram, ou "proclamo" algo que se refira ao conteúdo do Primeiro Anúncio. Isto fica normalmente para o primeiro da série dos encontros regulares, que se vão tornando "primeira evangelização" e, sucessivamente, virão a ser "pré-catecumenato".

Tal encontro, o primeiro da série, é sempre muito interessante, até porque da, através das motivações e avaliações aduzidas por eles, o tom do anúncio sucessivo, que não deverá esquecer quais os problemas, as perplexidades, os anseios e as esperanças presentes nestas pessoas a que o Anúncio concretamente se dirige.

Típico, neste sentido, foi o primeiro encontro com os primeiros cinco homens de Ehlalab: cinco histórias de sofrimento, de busca, de esperança humilde e confiante, a que não soube responder senão as palavras de Cristo em Mt.11, 25-30: "Dou-te graças, Pai.... Vinde a mim todos vós..."

Às vezes as motivações que aparecem são um bocado esquisitas. Nunca tenho pressa de as purificar: aconselho-os a que escutem fielmente a Palavra de Deus e tentem caminhar juntamente com os outros. Se conseguem purificar suas motivações, continuam, senão desistem sozinhos (apesar de tentarmos ajudá-los para que o não façam, através do "garante" etc...)

NB. Nunca temos pressa de apagar da lista o nome de alguém que dizem ter desistido: tivemos casos de reaparecimento depois de dois anos e até mais de ausência... Eu continuava a chamar o nome para lhes lembrar que também aquele foi chamado com eles e não deviam conformar-se tão cedo com o facto do seu desaparecimento, mas sim deviam rezar por ele e procurar caminhos para que voltasse.

Tento propor aqui agora como que um esquema dos vários momentos de aproximação ao pré-catecumenato que reconheci através da minha experiência. Trata-se, mais ou menos, de um paradigma, dum esquema: às vezes certas fases ou passos reduzem-se até desaparecer.

1. primeiro contacto, com cristão, catequista ou evangelizador; às vezes trata-se só de entrar numa igreja com amigos em qualquer lugar. A pessoa é convidada a frequentar e rezar. Se é um grupo: sugere-se reunião semanal de oração e referência às comunidades vizinhas; sempre encoraja-se a referência ao "acompanhador"; se é adulto pergunta-se a situação familiar, se o marido (ou a mulher) tem a mesma intenção e como ajudá-lo para fazer uma caminhada em conjunto;
2. primeiro encontro: motivações e primeira resposta: o embrião do primeiro anúncio, proporcionado às expectativas do sujeito ou do grupo. Toma-se nota dos nomes só na fase sucessiva;
3. primeira série de encontros regulares: efectua-se o primeiro anúncio com os conteúdos que vêm nas páginas a seguir;
4. primeira evangelização: o núcleo do primeiro anúncio é explicado, ampliado, axado no Cristo e na Igreja. Primeiro apontamento de nomes;
5. depois de um certo tempo (variável de uns meses a uns anos) pergunta-se ao indivíduo se está interessado a continuar o caminho. Então tem início como que oficialmente o pré-catecumenato: de "ouvinte" o sujeito passa a ser "pré-catecúmeno", quer dizer, decide seguir com mais regularidade a comunidade, tendo reconhecido que nela encontra a Palavra de Deus e está decidido a escolher a ela, nem que, em certos casos, deva deixar a da tradição; colóquio com o padre, escolha do "garante", tenta-se reconstruir com mais pormenores o caminho pelo qual a pessoa chegou a esta decisão. Escreve-se o nome no caderno específico e há um pequeno rito público, com a participação da comunidade.

2. O ANÚNCIO EM SI

Reduzido ao caroiço, o Kérigma ou primeiro anúncio é o que vem em Mc.1,15: "O tempo chegou, o Reino de Deus está perto, arrependei-vos e crêde no Evangelho", quer dizer apelo à conversão, à mudança de vida, porque aconteceu algo de muito importante para a vida do homem, para a tua vida, algo que veio de Deus e te veio atingir agora na tua existência concreta.

Quanto ao primeiro aspecto, o da mudança de vida, já no que se disse até agora a respeito das pessoas que se apresentam à Missão a pedir "o caminho" está presente um apelo à mudança de vida, de caminho em princípio; apelo que vem mais do interior (do Espírito) do que do exterior (da Igreja), como diremos mais adiante.

O que nos interessa agora é o segundo aspecto, o do anúncio. Para isso fomos encontrando, ao longo dos anos, um esquema que "teoricamente" continuamos a seguir. Mais adiante ainda daremos o porquê deste "teoricamente".

O esquema é o seguinte: uma vez esclarecido que nós somos "cristãos" porque seguimos a alguém que se chama Cristo, que nos falou em Deus e nos enviou até aqui, procuramos juntar o que eles sabem de Deus, o que eles ouviram de seus pais. Sai assim um conjunto de verdades, que constituem a base em que apoiamos o anúncio de Cristo.

Em resumo, eis as verdades principais acerca de Deus presentes no património Felup:

- Deus existe. É por ele que existe tudo o que existe: saiu das suas mãos.
- Deus é grande, maior do que tudo.
- Deus é presente: a riqueza, a gireza" alguém a tem porque Deus lha deu. Quando alguém morre é porque "Deus se foi embora com ele"...
- Deus pode ser alcançado particularmente através da oração, mas o verdadeiro encontro e a verdadeira oração ("oficial) realizam-se através dos "ukin au", mais ou menos "irãs".
- Deus conegue fazer-se entender pelo homem, fala ao homem de várias formas: através das criaturas, através da voz interior (consciência do mal feito...), através de sonho, através de pessoas particulares em cerimónias particulares (kassarah aku) e... através de pessoas normais! Normalmente as mensagens que Deus envia ao homem são para dirigir a vida dele e a da tabanca, para que viva melhor.

Esta, em resumo, é a base em que nos apoiamos para lhes dizer que os anciãos felupes acertaram mesmo um monte de verdades acerca de Deus, mas nem só eles: há muitos outros povos neste mundo que, procurando a Deus, chegaram às mesmas conclusões (aqui trazem-se, às vezes, exemplos de orações de vários povos e de palavras de "profetas" de todo tipo). Um dos exemplos mais claros é o do profeta Natã que foi ter com David aquando do pecado deste, para lho contestas. Este exemplo é sempre muito participado!

A este ponto introduz-se a ideia de que Deus, no meio de tantos povos, escolheu a um em particular, a quem contou o que queria fazer para que o homem vivesse melhor, e o encarregou de escrever as suas palavras. A este povo pertenciam quer Natã, quer David do exemplo acima mencionado.

Neste povo viveram (e o sabemos porque eles o escreveram para que não ficasse esquecido) uns amigos de Deus, como Abrão que acreditou, como Moisés que aceitou a missão que Deus lhe confiava, e muitos outros.

Aqui fala-se muito brevemente de um ou outro episódio da vida destes amigos de Deus, sem a preocupação de o colocar no contexto da história da Salvação. Só pode entrar a ideia de que tais mensageiros de Deus são dignos de fé porque viviam em amigos de Deus, à sua escuta.

NB. O Antigo Testamento será abordado debaixo de dois pontos de vista:

- procurando a resposta a determinados problemas: o mal, a morte etc. etc. que não têm resposta satisfatória na tradição.....
- mas sempre como que seguindo "citações" de Jesus (vg.Emmaus: lhes vai lembrando o que se dizia d'Ele; Mt.19 sobre o casamento: em princípio...); isto porém é só para mais tarde.

Esta primeira fase do anúncio leva algumas semanas, digamos de cinco a sete encontros, teoricamente (também depende dos catequistas e da vontade deles de "contar histórias"...). Nós tentamos sempre chegar muito cedo a falar em Jesus Cristo, que é o verdadeiro "Mensageiro", o "PROFETA" verdadeiro, o que nos faz conhecer a Deus e até encontrar com Ele. Falou-nos não só do que Deus faz, mas também do que Deus pensa, do que está dentro d'Ele... e de como vem ao encontro do homem, com as respostas certas às perguntas que agitam seu coração.

Para falar em Jesus, depois de várias tentativas, resolvemos esquematizar um pouco o Evangelho de Marco, insistindo nos episódios-chave para o conhecimento de Jesus visto através dos olhos dos discípulos que andam com ele. Preparámos assim uma pista, até com indicação de quadros de filminas, de que sobressai a "identidade" de Jesus segundo Marcos.

Normalmente bastam poucos episódios do Evangelho para despertar interesse sobre Jesus Cristo e prender a atenção deles, de maneira especial se se frisam os trechos em que Jesus aparece como o libertador do medo (tempestade 4,35-41), dos espíritos (Cafarnaum 1,23-28), da doença (paralítico 2,1-12); dos tabús segurados pelos grandes (sábado 3,1-6); ou se frisa o seu ser acolhedor e atento para com os pobres, os pecadores, os pequeninos, etc.

Logo a seguir, enquanto se entra no vivo do Evangelho, já se está na fase da "primeira evangelização", ao longo da qual pode-se convidar a escrever o nome e o "garante" oficial e a tomar o compromisso de seguir o pré-catecumenato (a escolha do tempo é feita pessoa por pessoa...).

Depois da profissão de fé do Centurião aos pés da Cruz e da sepultura de Jesus, passa-se a Act. 4,1-21 (e às vezes acrescenta-se 10,34-43). Importante é que a ressurreição seja vista na sua incidência na vida, como algo que "mudou a vida" dos companheiros de Jesus: o que é que aconteceu para que Pedro mudasse assim? A ressurreição e o Pentecostes.

É que Jesus não é só "profeta", Ele é algo mais, é verdadeiramente o FILHO DE DEUS, o que Deus nos enviou não só para nos falar de Deus, mas para nos mostrar o caminho: já não somos nós que procuramos a Deus, mas é o próprio Deus, em Cristo, que nos veio procurar.

Os caminhos que os homens pensam encontrar para chegar até Deus são muitos..., mas o caminho que começou de Deus e veio até nós é um só, o de Jesus e agora está aberto (Jo.3,10-13). A vida do homem já não pode ser mais a mesma: tem que sair do caminho em que está e ir para diante até encontrar outro, o de Jesus.

Na maioria dos casos acontece que a este ponto o sujeito já se virou para o caminho definitivamente, desligou do irã e só podem surgir eventuais dificuldades acerca do matrimónio, que o podem mandar parar.

Pouco antes dissemos que este é o esquema que estamos a seguir pelo menos "teoricamente".
porque?

Porque, na prática, participando da vida da comunidade, os indivíduos entram em contacto com muitos outros pontos da mensagem cristã, ao longo do Ano litúrgico, participando em celebrações penitenciais, aprendendo as orações cristãs, cuja terminologia normalmente supõe uma evangelização bastante adiantada....

Não nos preocupamos excessivamente com isso. Mais do que eles, somos nós que precisamos de esquemas lógicos, que norteiem e dêem um bocado de ordem ao que anunciamos. Aliás, o que a meu ver é mais importante é que caminhem juntamente com a comunidade que os acompanha. Muitas das mensagens que recebem ficam esquecidas ou adormecidas, sedimentam, num certo sentido, mas a fidelidade aos encontros da comunidade e à oração lhes dará o ensejo de as reencontrar, assimilar e fixar, talvez até numa forma parecida com a do esquema, mas, quase com certeza, numa forma mais viva e vital.

Outro aspeto pelo qual dissemos mais acima "teoricamente" é o seguinte: dá-se o caso frequente que nos vêm pedir o "caminho de Deus" como se fosse o caminho do branco, ou algo parecido, ou como se, nos povos deles, não existisse caminho nenhum de aproximação a Deus.

Então a gente pega no facto que todo homem procura a Deus, por ser Deus que o criou (que o "gerou", como dizem até), e então o homem tem semelhança com Deus (e saudade d'Ele). É que

todo caminho que o homem começa para chegar a Deus tem um ponto que não consegue ultrapassar, como que uma impossibilidade, uma limitação: chega-se à margem do mar, Deus está além e não se possui meio nenhum para chegar ao outro lado. Envia-se então algo de superior, "que tem força" (o irã) para que leve a Deus nossa mensagem e nos traga a resposta. O caminho que nossos antepassados fizeram é este e Deus continua, por sua misericórdia, a se fazer encontrar por eles. Mas, a certo ponto, Deus nos enviou alguém que nos abriu o caminho, que se fez caminho por nós... Jesus.

Desta forma entra-se directamente a falar n'Ele, recuperando só depois uns "preâmbulos" da História da Salvação, o AT etc., como do esquema.

3. UMAS REFLEXÕES

É tempo de reflectirmos um bocado sobre a experiência acima apontada e de detectarmos umas linhas longas que marcam o caminho.

1. **Convergência de Palavra e Espírito.**

Pela experiência consta-nos que há como que dois caminhos que se encontram neste Primeiro Anúncio:

- a. o caminho que vem do exterior, da Palavra que nós propomos, anunciamos e fazemos chegar ao sujeito através do nosso actuar como Igreja.
- b. O Caminho ou linha interior, a da Palavra, que o Espírito já fez ressoar no coração do homem que veio pedir "o caminho", o anúncio. É o Espírito Santo que faz germinar a semente da Palavra em frutos de conversão.

Digo que isto consta-me pela experiência (além de ser um dado constante nos documentos da Igreja), porque muitas vezes fiquei pasmado em ver este tipo de trabalho interior ir muito além do que eu pensava, no tipo do que Pedro viu em casa de Cornélio. Quer dizer: pessoas que, examinando casos da vida e escolhas a fazer, saem com citações literais de frases inteiras do NT que... nunca lhes anunciei, e exactamente até como vêm na tração em felup! Pessoas que ainda antes de aparecerem diante de mim para me pedir "o caminho", resolvem tirar e queimar todos os amuletos de sua espontânea vontade, etc...

**A atitude do evangelizador frente a esses fenómenos: a clássica de S. Inácio "fazer todo o possível, como se tudo dependesse de nós, sabendo que tudo depende de Deus".

2. **Convergência e harmonização da mensagem que se leva com o caminho que se vive in loco.**

Outra convergência de caminhos, de linhas, detecta-se debaixo de outro ponto de vista:

- a) o que vem de fora, doutra comunidade, do padre, dos catequistas viajantes...
- b) o que vem de dentro, o que se vive "in loco" e é o mais importante.

Nunca privilegiamos a rapidez nem a completez do anúncio e da catequese em detrimento do enraizamento da mensagem na vida e no chão da tabanca em que a vida é vivida. *Natura non facit saltus*. A velocidade da marcha escolhem eles. deve haver tempo para que, ao longo da assimilação da mensagem e da efectuação das escolhas sucessivas, sobressaiam os líderes, os "profetas" locais, os que se tornam em verdadeiros pilares (firkija) das comunidades e as animam (e são *conditio sine qua non* para as comunidades avançarem; por isso devem ser individuados, e formados).

**Não há ritmo pré-estabelecido. Temos comunidades que chegaram ao Sacramento em 6 anos, outras que depois de 13 nem chegaram sequer ao Catecumenato.

3. **Respeito para com a Palavra e as Pessoas.**

A nossa identidade de ministros, servos da Palavra, impõe-nos o máximo respeito quer para com ela, quer para com as pessoas em que o Espírito empreendeu seu trabalho.

Desde o princípio o anúncio deve ser claro, sem "tacticismos". Diante de alguém que veio pedir a Palavra de Deus, é de crer que o Espírito exige que lha anunciemos como ela é, sem reduções.

Explicá-la para a tornar compreensível ao coração do homem e dar a força para a traduzir na vida vivida é papel d'Ele, do Espírito, não nosso, e não devemos minimizar a sua presença.

Diante de crises e dificuldades dos sujeitos, devemos nos examinar antes se nós lhes demos todo o apoio que lhes devíamos proporcionar, quer no sentido de rezar por eles, quer no sentido de os ladearmos com comunidades vivas e anunciadoras.

Há pessoas capazes de tomarem decisões que nem eu teria a força de tomar e ... segundo os nossos esquemas, estão ainda na fase do primeiro anúncio (e devem ainda percorrer o caminho todo, claro!). Muitas vezes o que nós chamamos de "prudência pastoral" é, por nossa parte, falta de fé e de coragem, para não dizer pusilanimidade.

Como Pe. Marmugi e depois dele, sempre achei que é direito das pessoas, que o Espírito de Deus chama, e da própria Palavra, de que somos servidores, que ela seja anunciada na íntegra, sem reduções nem tacticismos (cfr. Ev.N.32).

4. Língua, linguagem e relativa prudência.

Uma última reflexão de ordem prática: usando a língua dos destinatários do anúncio, achamos inconveniente e originador de equívocos o procurar a todo custo "correspondências" nas culturas ou nas religiões deles, emprestando vocábulos próprios às suas manifestações religiosas para significar realidades cristãs. Quando acontecem equívocos neste sentido, é sempre muito difícil corrigi-los de forma satisfatória.

Cá ficam estes apontamentos. Trata-se de comunicação de experiência, sem sistematicidade nenhuma. Queira Deus que eles sejam de alguma utilidade para o trabalho que estamos a fazer.

Suzana , 14 de Março de 1987

Pe Giuseppe Fumagalli